

Apresentação

A *Revista Língua&Literatura* n. 22 reserva ao leitor novidades, de capa a capa. Literalmente. Reproduções de obras de arte, que caracterizaram a capa da revista desde o v. 2, em 2000, deram lugar a fotografias originais, a partir de 2010, e são substituídas, agora, por uma capa mais despojada, destituída de imagens, na qual a concepção artística se traduz a partir das opções por fontes e cores, e sua distribuição espacial. Outra inovação é o fato de que a revista está, agora, hospedada na Plataforma SEER, ganhando maior visibilidade; contribui, também, para maior divulgação da revista o fato de que passou a ser indexada no DOAJ (*Directory of Open Access Journals*), prestigioso diretório de revistas com acesso universal. Dada a maior circulação garantida por esses indexamentos, aos quais se somam o Qualis, Latindex, e MLA, índices nos quais *Língua&Literatura* já figurava anteriormente, optamos por passar a publicar a revista apenas em sua forma digital (ISSN 1984-381X), pelo que a versão em papel (ISSN 1415-8817) deixa de existir.

Esta edição celebra os 110 anos de nascimento e 25 anos de morte de Carlos Drummond de Andrade (1902-1987) e os 120 anos do nascimento de Graciliano Ramos (1892-1953), em

uma justa homenagem a esses escritores, cujas obras definiram a feição da escrita literária moderna em nosso país, influenciando gerações de poetas, prosadores e artistas. Objetiva não apenas homenagear, mas, sobretudo, refletir sobre a importância, o alcance, a repercussão e a influência, atualidade e interesse da obra dos homenageados.

Abre a revista o ensaio “Matéria para *Angústia*”. Retomando a caracterização de Graciliano como “autor-ator”, através da qual Rolando Morel Pinto (1962) ressalta o vínculo entre biografia e ficção no autor maranhense, Marcos Falchero Falleiro enfoca o período entre agosto de 1914 e agosto de 1915, durante o qual o jovem Graciliano viveu no Rio, como possível fonte autobiográfica para a composição do protagonista de *Angústia*. O debate sobre a existência, ou não, de elementos biográficos na obra de Graciliano avança no ensaio seguinte, “Graciliano Ramos e *O menino da mata*”, no qual Leticia Baron Bortoluzzi e João Cláudio Arendt avaliam a não pertinência de analisar *Infância* sob o prisma da biografia. Escolhem, antes, registrar como a obra sustenta-se em um complexo ressignificado de lembranças, as quais, embora aparentem ser a representação de uma experiência individual, configuram-se, na verdade, como a projeção de uma memória coletiva, ligada a um contexto regional. Nessa ambiência, marcada por sofrimento e opressão, as práticas leitoras, e especialmente a obra *O menino da mata e seu cão piloto*, representam estratégia de escapismo da árida realidade.

Na sequência, Marisa S. Mello, em “Breve história da consagração literária de Graciliano Ramos: a recepção de *Vidas Secas*” faz estudo histórico acerca da fortuna crítica e recepção da obra de Graciliano Ramos, destacando, especialmente, a consagração literária do autor a partir do sucesso alcançado por esse romance. *Vidas Secas* é, também, alvo do estudo de Maria Margarete Souza Campos Costa e Sandra Maria Pereira do

Sacramento, mas sob outra ótica: “Sinhá Vitória e os desafios de uma mulher nordestina”, focaliza a decadência da ordem masculinista na obra, a partir da personagem Fabiano. Por outro lado, a dimensão do sonho e a capacidade discursiva da personagem feminina, que pela enunciação se consolida como voz transgressora dos valores hegemônicos, é traçada a partir da personagem sinhá Vitória. O estudo analisa as estratégias utilizadas por ela para sobreviver à opressão e à condição de miséria a que está submetida, e o modo como tipifica as agruras e desafios da mulher nordestina. Também Marcos Hidemi de Lima realiza um estudo de gênero – seu ensaio sobre *São Bernardo*, “Paulo Honório *versus* Madalena: um casamento conflituoso”, investiga o lugar da mulher em um universo masculino, e o modo como a mulher tenta livrar-se do cerceamento que lhe é imposto pelo homem, a partir do embate entre Paulo Honório, dono de uma narrativa anti-ilusionista e representante de um código do sertão, e Madalena, mulher oriunda do espaço urbano, e intelectualizada.

Seguem-se dois estudos que, a partir de instrumental psicanalítico, analisam duas obras de Graciliano. Em “Dores só as minhas”, Susana Zanon e Robson Pereira Gonçalves estudam o fenômeno da angústia subjacente ao texto de *Angústia*, bem como a maneira pelo qual os afetos se desencadeiam, através dela, na vida do protagonista Luis da Silva. Fernando de Moraes Gebra percebe elementos recorrentes entre o romance *Angústia* (1936) e o conto “O relógio do hospital”, de *Insônia* (1947), tais como a fusão dos níveis temporais da narrativa em monólogos interiores que lembram o ritmo do pesadelo. Enfatizando a coexistência, em Graciliano, das categorias “romance social” e “romance psicológico”, Gebra opta por, a partir do método psicanalítico de análise das condensações e dos deslocamentos, estudar a configuração de um mundo em dissolução, composto

por fragmentos oníricos, ao mesmo tempo em que registra o compromisso do autor com os seres excluídos pelo sistema.

Alinnie Oliveira Andrade Santos e Marlí Tereza Furta enfocam, ainda, outra faceta da obra de Graciliano: o relato de viagem. “Moscou e outros lugares medonhos” objetiva analisar, na obra *Viagem* (1954), o registro que Graciliano elaborou sobre suas experiências no mundo socialista, e refletir sobre as manifestações ideológicas presentes nessa obra. Além de apresentar o direcionamento ideológico da literatura brasileira da década de 1950, e o papel de Graciliano Ramos neste contexto, o ensaio mostra como o escritor, resistindo às pressões ideológicas e estilísticas, manteve inalterado seu estilo e postura crítica em seu relato de viagem.

O ensaio seguinte, “Atender ao chamado?”, inicia uma série de estudos sobre a obra de Carlos Drummond de Andrade. A partir dos três livros caracteristicamente mais memorialistas escritos pelo autor - *Boitempo & A Falta que Ama* (1968), *Menino Antigo* (1973) e *Esquecer para Lembrar* (1979) - Adriana Albano investiga a retórica confessional na poética memorialista de Carlos Drummond de Andrade, observando como este negocia conceitos da tradição religiosa, como pecado e perdão, com problemáticas sociais e filosóficas.

Em “Lírica e história em *A rosa do povo*, de Carlos Drummond de Andrade”, como já indicado pelo título, Lizandro Carlos Calegari procura estabelecer relações entre lírica e história, enfatizando como a obra, publicada em 1945, apresenta imagens da guerra, da descontinuidade do tempo, da postura melancólica, da fragmentação da experiência, da precariedade do eu, do problema da ambivalência e da aproximação da linguagem poética à prosaica.

O contexto temporal também é valorizado por Cristiano Jutgla em “Observações e confissões de Drummond acerca do

tempo”. Entendendo que os textos drummondianos dialogam de maneira crítica com o tempo histórico, Jutgla analisa como, a partir do livro de crônicas *Confissões de Minas* (1944) e do diário *O observador no escritório* (1985), Drummond se vale de estratégias expressivas que indicam consciência acerca da relação contraditória entre o projeto de modernização no Brasil e impasses históricos, especialmente o autoritarismo.

O volume encerra com o estudo comparatista de Maria Perla Araújo Morais e Frederico José Andries Lopes. A partir da constatação de que em ambos os poetas tecem uma reflexão sobre “o estar no mundo”, o ensaio analisa como, a partir do episódio camoniano da máquina do tempo, Drummond apropria-se tanto do texto épico de *Camões*, quanto das concepções de “desconcerto do mundo”, que permeiam seu discurso lírico. Legado de uma fantasia do absoluto, a máquina do mundo, no século XX, será revisitado em Drummond como legado lírico, sendo desconstruída a partir da linguagem poética.

A todos, boa leitura.

Denise Almeida Silva

Organizadora